



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6753 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 11 - Política da Educação Superior

(DES)CONSTRUÇÃO, (DES)COLONIZAÇÃO E (IN)VISIBILIZAÇÃO DAS INTERNACIONALIZAÇÕES DESDE A PERSPECTIVA DAS EPISTEMOLOGIAS DO SUL GLOBAL

Gabriela Freire Oliveira Piccin - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Kyria Rebeca Finardi - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

(DES)CONSTRUÇÃO, (DES)COLONIZAÇÃO E (IN)VISIBILIZAÇÃO DAS INTERNACIONALIZAÇÕES DESDE A PERSPECTIVA DAS EPISTEMOLOGIAS DO SUL GLOBAL

Introdução: Esta apresentação visa problematizar as tensões e relações entre o Norte global e o Sul global no contexto da internacionalização do ensino superior a partir dos pressupostos da descolonização dos saberes (por exemplo, GROSFOGUEL, 2008) desde uma perspectiva decolonial que confronta o caráter iluminista, cartesiano, “benevolente” e excludente que a ciência moderna assumiu, bem como as consequências desse discurso hegemônico na universidade, em especial no que tange a produção e valorização do conhecimento e a internacionalização do ensino superior. A modernidade produziu a diferença (CASTRO-GOMÉZ, 2005), e seu ensino disciplinar e a padronização das práticas cognitivas enfatizaram a homogeneidade, universalização e a uniformização cartesianas, colocando a universidade moderna numa torre de marfim de onde produz um conhecimento supostamente absoluto, definido e imutável (NAJMANOVICH, 2001). Assim, a universidade moderna/ocidental/do Norte global se mantém no alto da torre como *lócus* privilegiado da produção do conhecimento dito universal, colocando o *Outro*, do Sul global como consumidor desse suposto saber (ANDREOTTI et al, 2016). Essa relação de subalternidade entre Norte e Sul global se percebe nos processos de internacionalização da educação superior (SOUSA SANTOS, 2011). **Método e Discussão:** O estudo discute a internacionalização do ensino superior nos contextos do Norte e do Sul global desde a ótica da teoria decolonial latino-americana partindo do pressuposto de que as linhas da colonialidade demarcam e cercam as fronteiras da ciência moderna e dos conhecimentos tidos como válidos da universidade dita ocidental, tornando invisível o conhecimento do lado de lá das linhas abissais (SOUSA SANTOS, 2007) da mesma forma que tornam o *Outro* incompreensível. Desde Descartes e do advento do método científico, a modernidade e o Ocidente/Norte global têm excluído e invisibilizado outras formas de compreender e conhecer o mundo, por trás da bandeira de uma suposta neutralidade da ciência, colocando-a como uma entidade acima dos sujeitos

(supostamente neutros) que a produzem (SOUSA SANTOS, 2009; NAJMANOVICH, 2001). Assim, questionamos a própria concepção de sujeito moderno/iluminista (QUIJANO, 2005; HALL, 2006) e sua suposta neutralidade ao “coletar”, analisar e interpretar dados já disponíveis em uma natureza vista como recurso selvagem a ser dominado, na pretensa busca por encontrar “fontes” que traduzam “verdades” (ANDRADE et al, 2019) ou um “conhecimento universal” do mundo (ANDREOTTI et al, 2016). Do alto de seu pedestal, a universidade moderna hierarquiza conhecimentos indo desde o chão das ciências ditas “moles” como as ciências sociais até o topo das ciências “duras” como a física e a medicina. Assim como os conhecimentos, a tríplice missão das universidades de oferecer ensino, pesquisa e extensão também é hierarquizada sendo a internacionalização colocada como a quarta missão da universidade (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012). Por sua vez, o processo de internacionalização do ensino superior, entendido como uma forma de exercer *soft power*, é traduzido e praticado de forma bem diferente nas universidades do Norte e do Sul Global sendo que as tensões e relações ensejadas nesses e entre esses contextos são frequentemente desiguais e até violentas (STEIN; ANDREOTTI, 2017). A discussão entabulada neste trabalho convida a uma visão do mundo a partir de outras lentes, para além da ótica da modernidade/colonialidade, pensando e dialogando com a cosmovisão das epistemologias do Sul (SOUSA SANTOS, 2010) numa ecologia dos saberes e seres (SOUSA SANTOS, 2007). **Conclusão:** O estudo conclui que a forma como a internacionalização tem sido praticada reforça a colonialidade do ser e do saber. Argumenta-se, ainda, que as epistemologias do Sul, tendem a permanecer do outro lado da linha abissal (SOUSA SANTOS, 2007) por não estarem localizadas e não serem produzidas conforme os moldes do Norte. Como tal, os conhecimentos do sul permanecem na invisibilidade, na alteridade exótica/mística/primitiva (BHABHA, 2010), invisível e inteligível. A matriz colonial do poder (QUIJANO, 2002; 2005; MIGNOLO, 2017) segue operando na manutenção dos papéis de colonizador/colonizado através de novos atores e em novos contextos: as universidades do Norte e do Sul em suas relações de internacionalização (e frequentemente, colonização) dos saberes.

Palavras-chave: internacionalizações do ensino superior, epistemologias do Sul, universidade moderna, descolonização dos saberes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra Nunes.; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos 'após muitas conversas acerca deles'. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÜSSEKIND, Maria Luiza (Orgs.) **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente:** questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019.

ANDREOTTI, Vanessa de Oliveira; PEREIRA, Renato da Silva; EDMUNDO, Eliana S. Gonçalves; ARAÚJO, Flávio. Internacionalização da educação brasileira: possibilidades, paradoxos e desafios. In: LUNA, J. M. F. (Org.). **Internacionalização do currículo:** educação, interculturalidade, cidadania global. Campinas: Pontes Editores, 2016, p. 129-154.

BHABHA, Homi. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da

“invenção do outro”. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, p. 87-95, 2005

GROSGOUEL, Ramón. Hacia un pluriversalismo transmoderno decolonial. **Tabula Rasa**, n. 09, p. 199-215, 2008.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, 2017.

NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado: questões para pesquisa no/do cotidiano**. Rio de Janeiro. DP&A, 2001.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, p. p. 107-130, 2005.

_____. Colonialidade, poder, globalização e democracia. **Novos rumos**, v. 37, n. 17, p. 4-28, 2002.

SANTOS, Fernando Seabra; ALMEIDA FILHO, Naomar de. **A quarta missão da universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2012.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2010, 3. ed.

_____. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. In: **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. **Revista crítica de ciências sociais**, 78, 2007, p. 3-46.

_____. **Descolonizar el saber, reinventar el poder**. Montevideo: Ediciones Trilce, 2010.

STEIN, Sharon; ANDREOTTI, Vanessa Oliveira de. Higher education and the modern/colonial global imaginary. **Cultural Studies: Critical Methodologies**, v. 17, n. 3, p. 173-181, 2017.